

**JAIME CORTESÃO**

---

**OBRAS COMPLETAS**

**11**

---

**História do Brasil  
nos Velhos Mapas**

**Tomo I**

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2009

*Título:* História do Brasil nos Velhos Mapas  
Tomo I

*Autor:* Jaime Cortesão

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* DED/INCM

*Revisão do texto:* Miguel Antunes Pereira

*Tiragem:* 1000 exemplares

*Data de impressão:* Junho de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1795-3

*Depósito legal:* 288 716/09

**ÍNDICE**  
(VOLUME XI — TOMO I)

APRESENTAÇÃO ..... 13

*HISTÓRIA DO BRASIL  
NOS VELHOS MAPAS*

PREFÁCIO ..... 21

**I Parte** — A terra e o homem ..... 25

    I — Fundamentos geográficos do Estado brasileiro ..... 27

    II — Fundamentos pré-históricos: o aborígene nas suas relações com a terra ..... 45

    III — O português e a formação territorial e política do Brasil ..... 73

**II Parte** — As grandes escolas cartográficas do Ocidente ..... 107

**III Parte** — O descobrimento e o mito da Ilha-Brasil ..... 145

    I — O Tratado de Tordesilhas e a sua expressão cartográfica ..... 147

        Apêndice documental ..... 201

    II — O descobrimento dos litorais e os primeiros mapas do Brasil ..... 215

        O mapa de Ferrer e o planisfério de Cantino ..... 215

        O planisfério de Hamy ..... 262

        O planisfério de Caverio ..... 274

        O planisfério de Vesconte de Maggiolo (1504) ..... 306

        Mapas de Marini (1512) e Barbolan (1514) ..... 308

        Carta do Brasil de Lopo Homem (1519) e Kunstmann IV (1519) .... 323

        As cartas de Diogo Ribeiro (1525-1529) e a de Gaspar Viegas (1534) e a sua influência na cartografia espanhola e francesa .... 360

        O meridiano de Tordesilhas nos mapas de Lopez de Velasco (1574) .... 371

<b>IV Parte</b> — Realização geográfica e expansão do mito .....	375
I — O mito da Ilha-Brasil e a integração territorial do Estado .....	377
Cartografia da Ilha-Brasil .....	380
As origens indígenas e a literatura geográfica .....	387
O mapa de Bartolomeu Velho (1561) .....	399
II — As primeiras bandeiras à busca dos limites insulares .....	403
As expedições de Aleixo Garcia e António Rodrigues nas suas re- lações com o mapa de Bartolomeu Velho .....	405
As expedições de Bruzza de Espinosa, de Braz Cubas e Jeróni- mo Leitão, nos mapas de Bartolomeu Velho e Luís Teixeira .....	410
O primeiro atlas do Brasil. Atlas-roteiro de Luiz Teixeira (c. 1574) .....	417
As expedições de Gabriel Soares de Sousa e André Fernandes à busca da lagoa Eupana .....	426
III — Descobrimento e ocupação do vale amazónico .....	437
A cartografia amazónica durante o século XVII .....	449
Apêndice documental .....	458

**ÍNDICE**  
(VOLUME XI — TOMO II)

<i>Esclarecimento</i> .....	15
-----------------------------	----

I PARTE

**A economia do açúcar e a conquista holandesa**

I — A cartografia do açúcar nos atlas portugueses .....	19
II — A cartografia holandesa do Brasil no século XVII; a carta de Marcgraf (1647) e a cartografia dos currais .....	31
III — O Brasil nas gravuras holandesas do século XVII .....	43
Lista de algumas das gravuras mais importantes de tema brasileiro	48

II PARTE

**Os atlas dos Teixeiras e o seu significado histórico**

I — Os atlas da «Razão do Estado» (1613-c. 1626) e a descrição das costas do Brasil (1627) .....	59
II — Os atlas hidrográficos de João Teixeira (1630) .....	67
III — O atlas «Estado do Brasil» de João Teixeira Albernaz (1631) .....	81
IV — Os atlas do Brasil de João Teixeira (1640) .....	87
V — O atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz (1666) .....	97

III PARTE

**Os bandeirantes paulistas e os jesuítas**

I — Geopolítica das missões do Paraguai e das bandeiras paulistas .....	103
II — As bandeiras de António Raposo Tavares (1627-1651) .....	123
III — As bandeiras e a sua cartografia .....	145
IV — A colónia do Sacramento e as cartas dos Teixeiras .....	149

#### IV PARTE

### A unificação geográfica e a sanção diplomática

I — Antecedentes do Tratado de Madrid .....	163
Renascimento da cultura geográfica e cartográfica em Portugal ....	176
A missão dos «padres matemáticos» .....	205
Cartografia de índios, de bandeirantes e sertanistas.....	231
Mapas dos P. <sup>es</sup> Diogo Soares e Domingos Capacci.....	243
II — Alexandre de Gusmão e o Tratado de Limites .....	251
Mapa das comunicações entre o Prata e o Amazonas, de Francisco Tosi Colombina (1751).....	279
Carta hidrográfica das origens do Madeira e do Paraguai, de José Gonçalves da Fonseca (1750) .....	287
III — A cartografia dos limites de 1750 e as partidas do Sul .....	291
A cartografia das partidas do Sul.....	296
Lista de trabalhos cartográficos de Miguel António Ciera (1754-1772) .....	301
Lista de trabalhos cartográficos de José Custódio de Sá e Faria (1752-1779) .....	307
A cartografia das partidas do Norte .....	311
IV — Os Tratados do Pardo de 1761 e o de Santo Ildefonso de 1777 ....	319
Os novos limites. A cartografia das partidas do Sul.....	319
Atlas e cartas dos demarcadores das partidas do Sul para o Tratado de Santo Ildefonso .....	327
A cartografia das partidas do Norte .....	333
Lista de cartas das partidas do Norte .....	342
Cartas várias do século XVIII .....	362
V — O «espírito de fronteira» e a independência do Brasil .....	381
Principais cartógrafos do século XVIII e começos do seguinte .....	381
Um precursor brasileiro das cartas de ventos e correntes ( <i>pilots charts</i> ) .....	388
Mapas de José Fernandes Portugal .....	391
O Arquivo Militar do Rio de Janeiro e a «Corografia Brasilica» ....	397

#### V PARTE

### O Brasil independente e os problemas de fronteiras à luz da cartografia antiga

I — Os legados do Brasil-colônia e os precursores do barão do Rio Branco .....	403
--	-----

II — A «Carta Geral do Império do Brasil» de 1875 e a contribuição do barão da Ponte Ribeiro .....	413
III — Rio Branco e a questão do território de Palmas .....	427
IV — O «Mapa das Cortes» como base dos direitos brasileiros; a ciência geográfica de D'Anville e de Gusmão .....	431
Apêndice documental .....	443
V — Rio Branco, Rui Barbosa e o Tratado de Petrópolis .....	451

*Nota* — O presente volume foi entregue pelo Prof. Jaime Cortesão ao Instituto Rio Branco, antes do seu regresso definitivo a Portugal. No decorrer dos trabalhos, extraviaram-se várias das ilustrações que acompanhavam o texto. Graças à valiosa cooperação da Sr.<sup>a</sup> Isa Adonias, chefe da Mapoteca do Itamaraty, foi possível recompor na sua quase totalidade os mapas e desenhos, mediante os recursos do próprio acervo daquela secção, que conserva muitos espécimes reconstituídos sob a orientação do Prof. Cortesão.

Em 1940, por força da invasão alemã da França, reentra-va em Portugal o Dr. Jaime Cortesão (1884-1960). Antigo director da Biblioteca Nacional de Lisboa (1921-1927) e tendo-se exilado em Espanha e em França, a sua actividade de republicano revolucionário de 1927, em Lisboa, não fora esquecida. Por isso logo seria preso, enviado para o Forte de Peniche e «banido» de Portugal. Generosamente o acolhia então o Brasil. E passa a trabalhar no Gabinete Português de Leitura e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mais: em 1944 ingressava como professor no Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, escola de formação dos diplomatas brasileiros. Aí regeria as cadeiras de História da Cartografia do Brasil e de História da Formação Territorial do Brasil — de 1944 a 1950 —, enquanto organizava a Mapoteca do Itamaraty, que servia de suporte às investigações empreendidas.

Jaime Cortesão desenvolveu nos anos de exílio brasileiro (1940-1957) os seus estudos maiores, lançando-se na escrita das suas obras de maturidade tardia, que tiveram o Brasil como objecto: *A «Carta» de Pêro Vaz de Caminha* (Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1943) — com capa de Maria Helena Vieira da Silva, também no exílio —, *Cabral e as Origens do Brasil (Ensaio de Topografia Histórica)* (Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1944), *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid* (Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1950-1956), *Manuscritos da Coleção De Angelis* (Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1951-1969) e *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil* (Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura,

1958). Além disso, foi dando para publicação nos diários *Estado de São Paulo* e *A Manhã*, do Rio de Janeiro (1947-1948), os artigos que irão postumamente formar a fundamental *Introdução à História das Bandeiras* (Lisboa, Portugal, 1964).

Relacionada com a Exposição Histórica de São Paulo, no quadro da história do Brasil, que dirigiu — integrada nas comemorações do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo (1954) —, publicou *A Fundação de São Paulo — Capital Geográfica do Brasil* (Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955) e fez sair a colectânea documental *Pauliceae Monumenta Historica* (Rio de Janeiro-Lisboa, Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, 1956-1960). Isto além de colaboração em obras colectivas e um ou outro trabalho histórico ou literário sobre autores da sua preferência, como Camões ou Eça de Queirós. Entretanto, ia preparando e chegou a reproduzir precariamente o texto das suas lições no Instituto Rio Branco, a que pôs o título de *História do Brasil nos Velhos Mapas*.

Regressado definitivamente a Portugal em 1957, ficou esta obra já pronta para a imprensa — pelo menos parcialmente. Era o trabalho que fora sendo escrito e aperfeiçoado ao longo da sua cuidadosa actividade docente. Volumes que não saíram logo, tendo-se mesmo perdido os mapas que deviam ilustrá-los. Conseguiu recompô-los Isa Adonias, chefe da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, que com Jaime Cortesão trabalhara. Por isso, foi só em 1965 que o I volume foi editado, tardando até 1971 o aparecimento do II volume, no Rio de Janeiro, ambos sob a responsabilidade do Instituto Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores. Bela mas restrita publicação, que pouco terá sido conhecida e menos ainda utilizada em Portugal.

Tomou Jaime Cortesão para si mostrar a evolução da representação cartográfica do Brasil, ao mesmo tempo que esclarecia «as bases geopolíticas da sua formação». Procurava aí resolver ou contribuir para a resolução das seguintes perguntas: «Constitui o Brasil uma entidade geográfica, suficientemente diferenciada em relação aos demais Estados da América do Sul? A sua história obedecerá também a um desenvolvimento económico, social e político próprios, com base naquela diferenciação geográfica? Que sistema de princípios e títulos jurídicos legitimam e asseguram a base geográfica do Estado?»

Problemas magnos, de difícil e complexa formulação e que em si contêm um imenso programa de trabalho. Em que a

análise da documentação cartográfica serve de apoio e muitas vezes de ilustração. Sem que todavia seja um livro de história da cartografia. O objecto da investigação é — como se lê no título — a história do Brasil, embora implique a presença constante dos velhos mapas através dos quais é principalmente construída. Dito de outra maneira, e em rigor, não se trata de um livro de história a partir directamente do conhecimento dos mapas.

O procedimento é mais elaborado: trata-se de privilegiar uma espécie documental, os mapas, para por eles (e por outras fontes) se reconstituir a história brasileira. Procurando ainda uma outra formulação, trata-se de uma construção histórica em que a lição que quer ler nos mapas vem abonar as teses mais gerais do autor sobre a formação espacial do Brasil. Algumas com fundamento na cartografia, quase todas com remissão para ela, é certo. Mas não é menos certo que se suporia uma análise mais técnica, mais especializado o aproveitamento dos testemunhos apurados nessas fontes. Muito embora a imensa erudição do autor permita entrever um muito minucioso trabalho de apuramento de dados, a análise nem sempre é explícita.

O confronto entre os dois volumes da obra esclarece o processo de elaboração da narrativa em Jaime Cortesão. No primeiro, mais trabalhado, as minudências cartográficas aparentam estar menos presentes. Estão como que escondidas pela reconstituição histórica. No segundo, que parece menos castigado, Jaime Cortesão ainda se não desprende de um contacto directo, quase palpável, com os elementos a partir dos quais ergue o estudo. Daí as enumerações e as listagens mais frequentes. Em que se pode destacar a minuciosa pesquisa elaborada em torno dos sinais convencionais que detecta. Ou que se propõe ler como sinais convencionais. Também é visível a existência de saltos e de aproveitamentos de outras obras do autor, que são seguidas muito de perto. Por isso Isa Adonias se viu obrigada a acrescentar algumas notas e esclarecimentos ao II volume.

Jaime Cortesão partia do princípio de que os mapas exprimiam antes de mais as vontades políticas dos governantes. Apesar de transmitirem uma visão codificada da realidade, reflectiam sobretudo os propósitos dos que mandavam. A cartografia não era objectiva — mesmo contando com as deficiências instrumentais do tempo —, mas mediatizava um saber todo ele orientado para a justificação de um domínio territorial.

O que podia conduzir a distorções que contagiavam aquilo que se pretendia observar.

De tal maneira Jaime Cortesão considerava central a política para a cartografia que chega a escrever que por volta de 1640 a arte cartográfica estiolara, «pois não correspondia já a uma instante função política». Há, sempre, uma busca do significado histórico dos mapas. Significado político.

Nesta *História do Brasil nos Velhos Mapas* vêm ao de cima as concepções estruturais de Jaime Cortesão acerca da formação do Brasil: a partir de uma imaginada «Ilha-Brasil», definida pelas bacias entrelaçadas do rio da Prata e do Amazonas. Ter-se-ia construído uma unidade social que acabou por ser política e por prefigurar um território destacável como nacional. Tudo o mais decorre desta postura prévia. Mesmo quando trata de expedições do século XVIII, a Ilha-Brasil ia como que flutuando em avanço para oeste, consoante as vantagens políticas dos portugueses. Ilha-Brasil que era invocada como determinante na concretização das fronteiras, marcando os limites e confrontos com os domínios espanhóis.

Preocupou-se Jaime Cortesão com apresentar a sua visão da base territorial sobre que assentaria uma como que natural definição geográfica do território. Prefiguração, ainda que difusa, do que viria a ser o Brasil. Sob o imperialismo das condições naturais, pois. Sobre que os adventícios começam a partir do achamento de 1500 a descobrir não apenas a costa mas também o interior. Sabendo-se quão difícil era atingir uma representação cartográfica rigorosa, impõe-se conhecer alguma coisa do que estava averiguado sobre a história da cartografia: em especial a partir das suas próprias indagações e das de Armando Cortesão. E assim é todo o conhecimento apurado em meados dos anos 50 que desfila. A que vai acrescentando não poucas novidades. Do planisfério dito de Cantino (1502) aos grandes atlas de Ferrão Vaz Dourado (1566) ou de Lázaro Luís (1571), passando pelo chamado «Atlas Miller», da autoria de Lopo Homem-Reinéis (1519). São estes mapas executados com o rigor possível na época, em função dos conhecimentos e das técnicas de que os cartógrafos dispunham. O que sucedia ser insuficiente para explicar a difusão de conhecimentos e a repetida insistência de quantos se aventuravam pelo sertão adentro.

Para além de uma recolha tanto quanto possível exaustiva de fontes, era via aberta para a pesquisa tentar achar mais representações cartográficas, se possível esboçadas por gente

habituada a calcorrear o interior do território. Havia alguns vestígios, desses sabidos «sertanejos experimentados» (os bandeirantes) que no século XVIII passaram informações aos cartógrafos. Como desde o início da colonização teriam sido inestimáveis os conhecimentos dos naturais sobre as terras. E isso documenta-se. Porque os militares ou os matemáticos cartógrafos buscavam e registavam os testemunhos dos que palmilhavam as distâncias. Para delas se aproveitarem, melhorando o desenho dos mapas. E dessas informações está Jaime Cortesão convencido que foram utilizadas, dado o grande número de pormenores que os mapas vão progressivamente registando. Os vazios iniciais aparecem cada vez mais preenchidos. Se nada tivesse precedido o que ficou trabalhado, não se compreenderia a enorme quantidade de informações que passam para as cartas de que dispomos ainda hoje. Cartas que aparecem arroladas e referidas ao longo do trabalho.

Mapas que reflectem um ambiente cultural, mapas que são expressão de desígnios políticos da coroa ou dos que vivem no Brasil. Que naturalmente explicam a necessidade de ultrapassar as fronteiras impostas pelo Tratado de Tordesilhas (1494). Porque obsoletas estavam quando confrontadas com a realidade do desbravamento e ocupação do interior do continente. Realidade que se impôs até se chegar ao ajuste consignado no Tratado de Madrid (1750). Ia-se definindo esse território que «vastamente explorado, delimitado, organizado e defendido, como um corpo imenso, onde se gerava uma alma própria».

Síntese incompleta, sobretudo na sua segunda parte, interrompida pela morte do autor em 14 de Agosto de 1960. Que, como se assinalou, a Dr.<sup>a</sup> Isa Adonias, quis ainda melhorar, adicionando-lhe algumas notas. Os mapas, que na edição original figuram em separado, na presente edição vão incorporados nos lugares onde são referidos. Tendo-se ainda diferenciado para melhor entendimento as notas do autor — em numeração árabe e com um filete (traço) por cima — e as de Isa Adonias — por ordem alfabética, com dois filetes por cima e no final da linha a indicação (*I. A.*).

Fica agora à disposição do leitor uma notável visão de conjunto sobre o território brasileiro e sobre a história do Brasil: para leitura com o auxílio primordial de velhos mapas.

JOAQUIM ROMERO MAGALHÃES